

ECONOMIAS SEXUAIS: CONTEXTOS LOCAL, REGIONAL E GLOBAL^{1, 2}

Data de submissão: 20/02/2025

Data de aceite: 05/03/2025

Christina Jessica Carney

Doutora em Estudos Étnicos,
Universidade da Califórnia em San Diego.
Professora do Departamento do Women's
& Gender Studies, University of Missouri,
Columbia, USA.
<https://orcid.org/0009-0008-9062-9502>

RESUMO: O objetivo deste capítulo é trazer as primeiras recolhas da investigação realizada no Brasil, com financiamento do Prêmio Fulbright Distinguished Scholar, na Universidade Federal da Bahia em Salvador. Enquanto meu primeiro livro examinou como o policiamento sexual de mulheres negras foi fundamental para o desenvolvimento da cidade de San Diego como um centro de turismo e militar, meu segundo livro adota uma abordagem mais transnacional, investigando o papel central que as lésbicas/gays/queer afro-americanas desempenham na formação e na ruptura da cultura indígena negra em Salvador, Bahia,

Brasil - uma cidade cuja economia depende do turismo de herança (negro).

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho sexual, Bahia, Mulheres Negras

SEXUAL ECONOMIES: LOCAL, REGIONAL AND GLOBAL CONTEXTS

ABSTRACT: The aim of this chapter is to bring together the initial findings of the research carried out in Brazil, with funding from the Fulbright Distinguished Scholar Award, at the Federal University of Bahia in Salvador. While my first book examined how the sexual policing of Black women was foundational to the city of San Diego's development as a center of tourism and the military, my second book takes a more transnational approach by investigating the central role that lesbian/gay/queer African Americans play in shaping and disrupting black indigenous culture in Salvador, Bahia, Brazil – a city whose economy is dependent on (black) heritage tourism.

KEYWORD: Sex Work, Bahia, Black Women

1 Comunicação oral apresentada como parte da disciplina Tópicos Especiais sobre Gênero, ministrado pela Profa Dra Vanessa Cavalcanti (PPGNEIM-UFBA) para estudantes do Mestrado e Doutorado em Estudos Interdisciplinares. A sessão foi realizada em dezembro de 2024, integrada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo da Universidade Federal da Bahia (PPGNEIM/UFBA).

2 Agradecimentos à assistente de pesquisa Joice de Oliveira Faria (<http://lattes.cnpq.br/0894334907675162>), doutoranda no departamento de literatura e cultura da Universidade Federal da Bahia.

A revisão técnica para versão em língua portuguesa é de Be Brustolim (<http://lattes.cnpq.br/3330564553235825>)

Neste capítulo, pretendo apresentar uma visão geral do meu livro *Mulheres com Má Reputação: Economias sexuais negras e a criação de San Diego* (2025), do meu artigo mais recente: “O Pior Elemento”: Trabalhadoras Sexuais Negras, Escravidão Branca e Policiamento do Sexo em San Diego (2024), e da minha pesquisa atual, realizada no contexto brasileiro e com financiamento da Fundação Fulbright. O objetivo para além de divulgação científica, integração ao processo de mobilidade internacional, foi partilhar alguns aspectos do meu percurso de investigação. Não trago conclusões finais, apenas ensejos sobre futuros passos da minha pesquisa e reflexões ainda em aberto.

Minha pesquisa é uma continuação dos temas de meu livro: *Turismo, raça/representação, criminalização, e lésbicas negras* (2025). Nela eu estou investigando os fenômenos: Diáspora negra e as tendências imperialistas; Capitalismo, observo como o Estado está oferecendo empreendedorismo (ou seja, empréstimos financeiros) para remediar a pobreza e a negligência do Estado. As mulheres negras são alvo desses esquemas, considerando que, a maioria dos estudos sobre Salvador (e o Brasil) analisa os homens (inclusive os gays), a pretensão com esse estágio em contexto baiano é de entrevistar mulheres (lésbicas cis e trans) sobre suas experiências. O roteiro estará estruturado a partir de tópicos como a sexualidade e o mercado sexual se imbricam e buscando outras perspectivas sobre estes processos.

Meu livro é uma história do trabalho sexual na cidade (antes San Diego, nos Estados Unidos e, atualmente, Salvador, Bahia), mas que detalha como as mulheres negras foram fundamentais para esse processo de economias sexuais. As pessoas imaginam San Diego como um lugar repleto de praias imaculadas e de forte presença de militares, mas certamente não de prostituição ou de pessoas negras (especialmente mulheres). Busco romper com alguns desses mitos e estereótipos, enfatizando dados empíricos. Um relatório de 2016 publicado pelo Departamento de Justiça dos Estados Unidos revelou como o setor de turismo sexual de San Diego gera mais de US\$810 milhões por ano para a cidade, perdendo apenas para impactos advindos das Forças Armadas instaladas na região.

No livro “*Mulheres com Má Reputação: Economias sexuais negras e a criação de San Diego*” (2025), realizo um estudo interdisciplinar sobre como as mulheres negras usam o trabalho sexual e a criação de lugares para reivindicar autonomia econômica, corporal e sexual numa cidade militarizada que pretende deslocá-las e encarcerá-las. Considero que as práticas intelectuais, econômicas e políticas discretas e explícitas das mulheres negras interferem na compreensão dominante das áreas de prostituição e das profissionais de sexo negras como elementos contaminadores, indesejáveis e que devem passar por “limpeza”.

Observei essas “mulheres de má reputação” durante dois grandes processos de desenvolvimento urbano do século XX no centro de San Diego, onde a polícia municipal, as autoridades de saúde pública e até mesmo ativistas designaram as trabalhadoras do sexo envolvidas nas ruas e os locais onde se reuniam como “pragas”. Demonstro como algumas

mulheres negras reconceituaram as esferas pública e privada ao utilizar hotéis residenciais e espaços comerciais multiuso tanto para moradia quanto para trabalho, controlando suas economias eróticas e suas vidas sexual e cultural.

Enquanto meu primeiro livro examinava como o policiamento sexual de mulheres negras prostitutas foi fundamental para o desenvolvimento da cidade de San Diego como um centro turístico e militar, meu segundo livro adota uma abordagem mais global, investigando a intersecção da globalização, dos povos/comunidades afro-americanos/negros, do turismo, do sexo e da sexualidade no mundo.

No artigo, “O Pior Elemento”: Trabalhadoras Sexuais Negras, Escravidão Branca e Policiamento do Sexo em San Diego (2025), ofereço um exemplo de como a convergência de discursos sobre a “escravidão branca” e a higiene social levou à criminalização, ao deslocamento e à detenção desproporcionais de trabalhadoras sexuais negras pelas autoridades na San Diego do início do século XX.

A grande presença militar da cidade, a proximidade da fronteira entre os EUA e o México e a sociabilidade inter-racial (entre comunidades brancas, imigrantes e não brancas) levaram à regulamentação da sua indústria de turismo sexual inter-racial. Enquanto a cidade se preparava para o seu primeiro grande projeto militar, a Exposição Panamá-Califórnia, de 1915, as autoridades de saúde pública demoliram cortiços por violações de sistema de canalização e seguiram com a quarentena obrigatória de trabalhadores do sexo, expressados em preocupações com doenças venéreas.

O policiamento do sexo das trabalhadoras sexuais negras pelas autoridades locais, estaduais e militares foi sustentado e baseado por discursos que imaginavam as mulheres negras como riscos para a saúde pública e para a virtude das mulheres brancas na cidade fronteiriça entre os EUA e o México.

Neste aspecto, meu trabalho sobre profissionais do sexo no sudoeste dos EUA é semelhante às histórias do trabalho sexual no Brasil. Em “A Prostituta, a Cidade e o Vírus” (2020), de autoria de pesquisadores brasileiros da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), também se discute como a “higienização” nas políticas urbanas e de saúde brasileiras se cruzou com a venda de sexo.

Além disso, observam como os conceitos contemporâneos da Covid-19 (por exemplo: “distanciamento social” e “quarentena”) têm “raízes históricas em políticas moralmente orientadas em contextos de prostituição que muito contribuem para ressaltar as dimensões racializadas do paraestatal” (Simões, 2020). A interconexão do discurso higiênico e a regulamentação da prostituição proporcionará uma aproximação entre a minha pesquisa e as pesquisas brasileiras.

Neste processo inclui entrevistas e observações tanto de negros americanos (turistas, expatriados e residentes), quanto de cidadãos brasileiros que se identificam como lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queer, intersexuais ou assexuais e não binários (LGBTQIAPN+), na cidade de Salvador, Brasil. Mais especificamente, estou interessada

na dinâmica racial e sexual entre afro-americanos e afro-brasileiros. Espero compreender melhor como ambos os grupos criam não só laços, mas também as tensões que emergem entre os povos da Diáspora Negra em posições diferentes. Essas entrevistas incluirão pessoas em relacionamentos românticos/sexuais binacionais e profissionais do sexo brasileiras e brasileiros cujos clientes são cidadãos americanos.

Minha pesquisa atual sobre patrimônio e turismo sexual é influenciada pelos estudos brasileiros – especialmente os de Ana Paula Silva (2011). Salvador é um local de pesquisa único porque esses dois tipos de turismo se cruzam. A autora diz o seguinte sobre esses tópicos em seu artigo, *Tourism Black and Blues*: “Quando afro-americanos falam sobre viajar para o Brasil, dois tipos de turismo tendem a ser discutidos. Por um lado, há um interesse crescente no chamado “turismo de herança” para Salvador, Bahia, supostamente a cidade mais negra do Brasil. Por outro, há o “escândalo” do que a autora Jewel Woods (2008) chamou de “o segredo mais bem guardado da América negra”: o turismo sexual masculino negro no Rio de Janeiro. Ambos são baseados em estruturas, que não apenas reservam a mobilidade global a poucos privilegiados, mas que também reservam o direito de representar e interpretar o que é visto e vivenciado para esses mesmos poucos. Simplificando, tanto os turistas sexuais quanto os de herança são empoderados para forjar interpretações do Brasil que — dado o alcance global da língua inglesa — acabam abafando a diversidade, a ambiguidade e a complexidade das próprias visões dos brasileiros sobre si mesmos e seu país.”

O turismo em Salvador é um estudo de caso único, justamente porque um de seus principais públicos-alvo são os afro-americanos. Considerada “África lite”, a associação nacional de turismo do Brasil e os empresários negros brasileiros estão posicionando Salvador como a “Capital Afro” e um lugar alternativo onde os afro-americanos podem explorar sua ascendência e herança africanas. O turismo internacional para Salvador disparou quando a UNESCO designou o Pelourinho como patrimônio mundial em 1985. Essa designação também coincidiu com um aumento acentuado da mobilidade internacional afro-americana, com muitos aventureiros e empreendedores negros criando seu próprio grupo de viagens para afro-americanos de classe média e média alta.

Gostaria de observar que o turismo patrimonial em Salvador não é algo que os afro-americanos inventaram na região, mas é um longo projeto de turismo financiado pelo Estado que se tornou uma forma de os impulsionadores da cidade reinventarem a cidade e iniciarem novas economias depois de terem sido deixados de fora das economias industriais do Brasil (Romo, 2022). Minha pesquisa demonstra como o turismo em Salvador Bahia está embarcando em outro momento crucial em que os afro-americanos estão agora sendo inseridos nessas estruturas econômicas e culturais por atores estatais. E, como resultado, celebridades negras como Beyoncé, Rihanna e Viola Davis, entre outras, visitaram e/ou fizeram investimentos na cidade.

Em outubro de 2024, fomos a um evento patrocinado pela Embratur, o departamento oficial de turismo do Brasil, para assistir a um documentário, *Afro: Das origens aos destinos*. Este documentário demonstrou como o afro-turismo que, em Salvador, já foi uma economia de nicho, agora está sob auspícios e orientações para o turismo nacional. Embora Salvador seja considerada a capital afro, outros lugares também estão adaptando esse conceito específico. Mas quem se beneficia com isso? As mulheres negras, que são o símbolo?

O Afro Punk (<https://afropunk.com/pt-br/festival/bahia/>), por exemplo, é um evento oficial do setor de Afro-Turismo de Salvador. Com fortes patrocínios corporativos, não trouxe nenhuma reflexão séria sobre os problemas que o Brasil enfrenta, tais como violência policial, violência contra mulheres e população LGBT, etc. Os custos de ingressos também são bastante elevados e não acessíveis. Havia muitos norte-americanos que estiveram presentes, mas a maioria dos brasileiros pareceram desinteressados. Como se o evento não fosse para o público local.

Os impactos e a intensa publicidade realizadas através de anúncios do AfroPunk estimularam a que a comunidade LGBT negra vislumbresse não só Salvador, mas também as dimensões de turismo e cultura (Brasil). As viagens para afro-americanos da classe média e da classe trabalhadora estão se tornando mais acessíveis (motivados pela desvalorização da moeda brasileira – real – e da paridade que beneficia pessoas vindas dos Estados Unidos, Canadá e Europa). Isso também acontece, por exemplo, com planos de pagamento e serviços e pacotes all inclusive.

Embora o turista típico seja imaginado como um homem branco de meia-idade, o que torna a Bahia distinta é o grande número de turistas afro-americanos (incluindo mulheres). Relatos podem ser destacados nas mensagens abaixo:

“Junte-se a nós em uma excursão cultural de seis dias organizada durante o Mês da Consciência Negra, a celebração da negritude reconhecida nacionalmente no Brasil. E se você estiver afim, pode participar do AfroPunk Bahia, o eclético e subversivo festival de música negra conhecido mundialmente.”

E

“Junte-se a nós na Bahia em novembro para uma experiência com curadoria única, onde você desfrutará de um itinerário personalizado repleto de oportunidades para explorar por conta própria, ao mesmo tempo que apoia os empreendedores afro-brasileiros e a economia local.”

Uma história que se tornou viral, especialmente em grupos de WhatsApp de expatriados afro-americanos, está relacionada com incidentes envolvendo homens afro-americanos. Conhecidos como os *Passport Bros*. De acordo com reportagens, em seu canal e em outros perfis, *Hollemann* se apresenta como YouTuber a americanos do grupo *Passport Bros*, que incentiva um turismo de “pegação” ao redor do mundo, explorando o fenômeno internacional de avanço de um machismo radical que bebe na fonte dos *incels*

redpill — movimento de homens que pregam a submissão das mulheres, entre outras coisas. Ao mesmo tempo, compartilham conceitos colonialistas de que em países mais pobres, como o Brasil, eles vão se livrar das feministas e desfrutar de mulheres exóticas e disponíveis, como as brasileiras³.

Este estudo contribui para um campo pequeno, mas emergente, tanto nos estudos negros/afro-americanos quanto nos estudos norte-americanos, nos quais estudiosos, especialmente antropólogos, estão interrogando a intersecção da globalização, dos povos/comunidades afro-americanos/negros, do turismo, do sexo e da sexualidade no mundo e na cidade de Salvador, cidade litorânea do estado da Bahia.

Em *Sex Tourism in Bahia: Ambiguous Entanglements* (2013) (Turismo sexual na Bahia: ambíguas imbricações), Erica Lorraine Williams discute o lugar de Salvador na maior indústria de turismo sexual do mundo, o Brasil – que ultrapassou a Tailândia no *ranking* de principais destinos para economias sexuais. A definição de trabalho sexual para Williams é ampla, incluindo não apenas aqueles que têm relações sexuais íntimas, mas também outros sujeitos envolvidos, como motoristas de táxi e aplicativos, agentes de viagens, vendedores de bens e serviços, etc. Williams também interroga como os atores e os impulsionadores governamentais do Estado baiano usam estrategicamente a cultura afro-brasileira, características regionais, para dar caráter exótico da cultura local e criar um diferencial em relação a outras cidades brasileiras, como o Rio de Janeiro.

Além disso, Williams aborda o estereótipo de um típico turista sexual, mostrando como os homens da classe média trabalhadora, tanto da Europa como dos EUA, são capazes de viver como “reis” devido ao desenvolvimento econômico desigual, em consequência do colonialismo e do imperialismo.

No último capítulo de *Atrações Turísticas: Representando Raça e Masculinidade na Economia Sexual do Brasil* (2015), Gregory Mitchell discute sobre homens gays afro-americanos/negros que viajam para Salvador em busca de relacionamentos românticos e transacionais com homens brasileiros, muitos dos quais se identificam como “caretas”/heterossexuais, independentemente de suas relações íntimas do mesmo sexo com turistas gays.

Mitchell faz uma distinção entre as economias sexuais do Rio de Janeiro e de Salvador. Ele discute como o Turismo da Herança Africana/Raízes/Diáspora molda a economia sexual de Salvador. Ao contrário do que se dá em outras cidades brasileiras, como São Paulo e Rio de Janeiro, a negritude não só é abertamente desejada, como também é erotizada por turistas gays negros. Argumenta, ainda, que os desejos sexuais e eróticos dos viajantes gays negros são diferentes dos turistas brancos do sexo masculino; para

3 Houve outro caso local: Um engenheiro de software norte-americano foi preso, em Salvador, após agredir uma profissional do sexo, no bairro do Rio Vermelho, na terça-feira (28). Durante a abordagem, ele tentou tomar a arma de policiais militares, e se masturbou na frente deles. Zachary estava com a namorada e uma profissional do sexo, com quem acertou um programa de R\$ 1 mil. Depois do ato sexual, ele se recusou a pagar e expulsou a mulher do imóvel em que estavam. Já na rua, a profissional, então, chamou a polícia para denunciar a violência sexual mediante fraude, já que ele não pagou pelo serviço da profissional.

turistas gays afro-americanos/negros, a Bahia “representa metonimicamente o africano”, criando assim o que Mitchell chama de “nostalgia subjuntiva” (Mitchell, 2015, p. 28 e 183).

O autor citado afirma que isso produz um “conjunto diferente de motivações” nas quais os turistas negros estão interessados em “descobrir a estranheza da África, que eles veem como sendo viva e evidente na cultura afro-brasileira especificamente” (Mitchell, 2015, p. 217). No entanto, Mitchell problematiza a romantização de Salvador por parte dos homens negros/afro-americanos porque esses indivíduos economicamente privilegiados exercem frequentemente o essencialismo racial.

Meu projeto de pesquisa deve-se a e é inspirado pelos estudos de Williams e Mitchell, juntamente com outros acadêmicos norte-americanos cujo trabalho está situado em Salvador e na Bahia (Landes, 1994; Kulick, 1998; Romo, 2010; Romo, 2022). No entanto, meu estudo procura preencher algumas lacunas em suas pesquisas. Embora alguns dos sujeitos da pesquisa de Williams se identifiquem como LGBTQIAPN+, a maioria são pessoas heterossexuais cisgêneras.

Ao contrário de Williams, Mitchell é cauteloso ao rotular todos os encontros sexuais binacionais e transnacionais como turismo sexual, uma vez que o combate ao tráfico tende a ocultar formas complicadas (e por vezes contraditórias) de agência e prazer experimentadas tanto por brasileiros como por norte-americanos. Contudo, os temas de Mitchell não incluem mulheres lésbicas e pessoas transgêneras. Para tal, este estudo pretende incluir um conjunto mais diversificado de candidatos, muitos dos quais se reúnem e socializam nos mesmos espaços e locais.

INVESTIGAÇÃO DE CAMPO: ACHADOS PRELIMINARES

A pesquisa de campo tem permitido recolher dados e informações, mas também construir acervo que fundamenta o argumento sobre as economias sexuais. Nesta seção, discutirei alguns temas de minha experiência de trabalho de campo na cidade de Salvador e das nuances encontradas em contextos relacionais.

Um colega americano me convidou para um programa de intercâmbio com estudantes de uma instituição cujo público é de jovens negros no norte de Nova York. O facilitador foi um homem negro norte-americano – que hoje é residente permanente em Salvador. Fizemos ioga na praia e comemos comida vegetariana. Acho que é muito importante para os afro-americanos viajarem e compreenderem outras experiências negras fora dos Estados Unidos.

No entanto, uma atividade me deixou muito desconfortável. Fomos visitar uma comunidade indígena, perto de Imbassaí, reconhecida pela UNESCO como território de proteção ambiental e cultural. Eles pediram para serem chamados de “povos originários”. Eles nos contaram sobre a história de violência contra seu povo, ou seja, de que maneira agentes como promotores imobiliários, vinculados a órgãos governamentais, etc, entram

em contato e determinam as relações e as ações. Eles não conseguem mais trabalhar em suas terras, sendo configurado o tipo de atividade como assalariada. Também participamos de alguns de seus rituais, como dançar e pintar o rosto com tinta vermelha. Comprei dois livros infantis, um cachimbo e dois colares.

A aproximação e a comercialização ou um tipo de turismo a “brincar de índio” pode ter uma abordagem negativa e problemática. Quando voltávamos para o ônibus, eu estava conversando sobre isso com meu colega. Uma de suas colegas, uma mulher negra, ouviu nossa conversa. Ela então me perguntou: “Então você acha que eles fazem a mesma apresentação para os brancos?”; “Você não acha que é diferente porque somos negros?”. Respondi: “sim, até certo ponto”. “Então você acha que isso era falso?”, continuou. “Não, acho que é mais complicado do que isso”. Acho que ela levou para o lado pessoal, porque provavelmente presumiu que eu a estava atacando o que ela ganhou com a experiência. Todavia, podem ser ambas as situações. Por exemplo, a experiência pode ser benéfica e espiritual para os turistas afro-americanos, mas para os povos originários é apenas mais um grupo “gringo”, cuja presença não fará nada para impactar positivamente a comunidade.

Um grande evento que eu fui, foi “O Fundo Positivo”. Foi um estudo e evento cujo público principal eram negros/negras, pessoas trans e travestis. Foi um evento para apresentar à comunidade LGBTQIAPN+ um estudo recente financiado por uma parceria público/privada. Pensei imediatamente nas críticas feitas a estas parcerias por acadêmicos norte-americanos e pensei também no meu próprio trabalho.

Nos EUA, as raízes do ativismo gay são um assunto controverso. As principais organizações LGBT argumentam que o ativismo gay começou com os motins de Stonewall. Embora esta revolta tenha sido iniciada por mulheres trans negras e latinas, trabalhadoras do sexo, as principais organizações que se apropriaram deste legado, promovem uma agenda LGBT conservadora, focada no casamento gay, na inserção ao mercado e no serviço militar aberto a gays, principalmente homens gays.

A apresentação teve uma linguagem moralizante, ou seja, anti-trabalhadora do sexo: “compreende a importância de que o trabalho sexual não se torne a única fonte de renda para sobrevivência para parcelas da população LGBTQIA+”. Qual foi o sentido de dizer isso – especialmente sendo a prostituição legal no Brasil?

Na seção Metodologia, a solução para empoderar pessoas trans e travestis foi prepará-las para empregos formais e para o empreendedorismo. Mas, que tipo de treinamento seria esse? Quais são algumas das concessões que as pessoas trans e travestis teriam de fazer para se enquadrarem numa cultura de trabalho racista e cisheteronormativa? Além disso, o empreendedorismo costuma endividar as pessoas, colocando os proprietários de empresas em dívida com os investidores. Quem financiará seus negócios e a que custo? Imediatamente pensei na pesquisa da professora Denise Ferreira da Silva e no seu livro: *A Dívida Impagável* (2024).

Almocei com Dennis, um homem gay afro-americano de 39 anos. Ele está aqui há três anos. Dennis é um empresário que traz americanos para o Brasil - o setor de turismo de herança. No entanto, ele reforçou a ideia de que a Bahia era atrasada e fora de contato com outras cidades brasileiras, como a muito mais branca e rica São Paulo. Ele disse que os negros em São Paulo são mais conscientes politicamente do que os negros em Salvador. E que os negros em Salvador são “complacentes”, enquanto os negros em São Paulo desafiam ativamente o status quo. Dennis disse que acredita que os negros de Salvador acham que o clima racial não mudará. Tive um problema com esse enquadramento, pois vários negros de São Paulo me disseram que não se sentiam ou se identificavam como negros até visitarem Salvador. Alguns outros negros que conheci de São Paulo disseram que é mais fácil falar sobre raça com pessoas em Salvador do que em cidades do sul do país. Infelizmente, ele reforçou a ideia da Bahia como “a mulata velha” - um termo usado pelas elites brancas no início e em meados do século XX para chamar a Bahia - que transmitia sua compreensão do estado como retrógrado, não moderno, principalmente porque era majoritariamente negro.

As declarações de alguns de meus entrevistados brasileiros também precisam de mais questionamentos. Na declaração a seguir, um pesquisador cisgênero do sexo masculino cria um binarismo entre o trabalho sexual masculino e feminino. Ele classifica as mulheres como mais violentas do que os homens, embora o feminicídio no Brasil seja bem documentado.

A prostituição para as mulheres é muito violenta, não sei se as mulheres que são violentas ou se é a situação que torna, porque eu acho que é uma relação de via dupla, não existe eu na relação, existe nós na relação, então essa relação mulher e prostituição é violenta, não é a mulher que é violenta. Elas acabam tendo atitude que a gente vai julgar como violenta. Mas eu não condeno, eu percebo que é violento, eu não acho legal você ficar ameaçando as pessoas ou uma pessoa como eu que estudou a ditadura militar, que viu que a ameaça se tornou crime por causa da ditadura militar, então eu não posso achar legal, mas eu também não posso condenar essa mulher, é complicado. Mas eu posso criticar ela na cafetinagem, acho errado você colocar pessoas para você ser cafetina.

De acordo com esse entrevistado brasileiro, os meninos iniciando atividade tinham uma relação diferente com a prostituição, aproximando-os da questão criminal. Com as meninas é uma relação de violência. Práticas como dopar cliente, abusar de clientes mais velhos, formas e modos de abuso estão presentes na rotina. Entretanto, declarações como essas precisam ser questionadas. Em meu livro, defendo que a violência é uma técnica de sobrevivência necessária para as mulheres. Embora as autoridades tenham afirmado que as profissionais do sexo colocavam em risco a segurança dos homens, muitas vezes acusando-as de roubo, estudiosos e ativistas apontaram para o fato de que as prostitutas que trabalham nas ruas são as que têm maior probabilidade de serem vítimas de roubo e agressão, geralmente nas mãos de clientes, cafetões e policiais. As mulheres que trabalham

nas ruas são alvos fáceis porque se sabe que elas têm dinheiro, mas não foram protegidas por intermediários estatais ou privados.

Além dessas experiências que tive em campo com expatriados negros e outros visitantes, tive a sorte de conhecer jovens brasileiros negros que estão participando e criando projetos de pesquisa sobre espaços que estão fora do alcance dos atores estatais e das indústrias do turismo.

Durante uma conferência em minha universidade anfitriã (UFBA), conheci uma estudante de pós-graduação e pesquisadora - Elaine Borges, que é estudante de pós-graduação na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.⁴ É membro do grupo de pesquisa LES - Laboratório de Estudos e Pesquisas em Lesbianidade, Gênero, Raça e Sexualidade, coordenado pela professora brasileira Doutora Simone Brandão, e membro do Coletivo Angela Davis - Grupo de Pesquisa em Gênero, Raça e Subalternidade, coordenado pela professora brasileira Doutora Angela Figueiredo.

A pesquisa de Borges fala sobre a participação de lésbicas e sapatonas negras em Paredões, que são festas ao ar livre realizadas em favelas. Seu local de campo é na capital da Bahia, a cidade de Salvador. O que distingue os Paredões são seus sistemas de som. Paredão de som refere-se a esses alto-falantes enormes que são montados na traseira dos carros e caminhões das pessoas. Essas festas são consideradas perigosas para alguns, enquanto para outras é a oportunidade de lazer, fonte de renda e de protagonismo.

Borges, que cresceu em um lar evangélico, também assistia às festas de uma janela da casa de seus pais, mas nunca teve permissão para ir. Foi somente depois de adulta que ela foi a uma dessas festas com suas amigas gays e lésbicas. Em sua pesquisa, ela fala sobre o Paredão como espaço possível para lésbicas, onde estratégias de sociabilidade, criadas por elas, tornam a festa mais seguras para a vivência de suas lesbianidades. Homens de outros bairros/favelas não podem entrar - no entanto, para as mulheres a entrada é mais flexível. Por isso, há um desequilíbrio de gênero quando falamos de pessoas de outras áreas, sendo as mulheres a maioria dos participantes.

Como resultado, muitas dessas festas são muito populares, sendo um lugar onde as lésbicas conseguem se reunir sem serem tão assediadas por homens. “Embora algumas amigas minhas estivessem no espaço, eu nunca passei a refletir sobre o espaço também possível para pessoas de gênero, sexualidade.”

Ela também observa que essas festas são fechadas para os americanos - já que estão nas favelas (lugares que nem mesmo muitos brasileiros negros frequentariam) e fora do alcance das autoridades.

Essas experiências, que venho acumulando na observação empírica, me trazem reflexões, conflitos e contribuem imensamente para minha pesquisa, demonstrando a complexidade das dinâmicas locais e globais, da intersecção da globalização, dos povos/

4 Elaine Borges, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, <https://orcid.org/0000-0002-6377-9985>

comunidades afro-americanos/negros, do turismo, do sexo e da sexualidade no Brasil, especificamente na Bahia e em Salvador.

Mobilizam comparações e incentivam análises que colocam em contraste e conexão com minha pesquisa anterior. Espero trazer contribuições para a comunidade que estou inserida em campo, para além das contribuições para o entendimento acadêmico desses fenômenos, possivelmente estratégias para identificar e combater o tráfico e exploração sexual de mulheres e pessoas negras em Salvador.

REFERÊNCIAS

Beaman, J., & Clerge, O. Ain't I a Migrant?: Global Blackness and the Future of Migration Studies. *International Migration Review*, 2024, 58(4), pp. 1727-1756. Available in <https://doi.org/10.1177/019791832412716>

Carney, Christina (Ed.). Centralizando o Prazer e a Antirrespeitabilidade nos Estudos Negros ["Centering Pleasure and Anti-Respectability in Black Studies"] Special Forum Issue, *American Quarterly*, 71(1), 2019, pp. 135-204. Available in <https://muse.jhu.edu/article/720789>

Carney, Christina. "O Pior Elemento": Trabalhadoras Sexuais Negras, Escravidão Branca e policiamento do sexo em San Diego ["The Worse Element": Black Sex Workers, White Slavery, and Sexual Policing in San Diego] Special Issue, "Troubling Terms and the Sex Trades," in *Radical History Review*, edited by Rachel Schreiber and Judith Walkowitz, 24 (149), 2024, pp. 133-151.

Carney, Christina; Hernandez, J. & Wallace, A. M. Conhecimento Sexual e Feminismos Praticados: Sobre Pânico Moral, Infâncias Negras e Hip Hop ["Sexual knowledge and practiced feminisms: On moral panic, black girlhoods, and hip hop"]. *Journal of Popular Music Studies*, 2016, 28, pp. 412–426. DOI <https://doi.org/10.1111/jpms.12191>

Kulick, D. *Travesti: Sex, Gender, and Culture Among Brazilian Transgendered Prostitutes*. Chicago: University of Chicago Press, 2009.

Landes, R. *The City of Women*. New Mexico: University of New Mexico Press, 1994.

Mitchell, G. *Tourist Attractions: Performing Race and Masculinity in Brazil's Sexual Economy*. Chicago: University of Chicago Press, 2015.

Romo, A. A. *Brazil's Living Museum: Race, Reform, and Tradition in Bahia*. University of North Carolina Press, 2010.

Romo, A. A. *Selling Black Brazil: Race, Nation, and Visual Culture in Salvador, Bahia*. Austin: University of Texas Press, 2022.

Silva, A. P. da. *Tourism Black and Blues*. The Good Men Project. 2011. Available in https://goodmenproject.com/ethics-values/tourism-black-and-blues/#google_vignette

Silva, D. F. d. *A dívida impagável: Uma crítica feminista, racial e anticolonial do capitalismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2024.

Simões, S. S.; Blanchette, T. G.; Murray, L. & Silva, A. P. The prostitute, the city, and the virus. *Social Sciences & Humanities Open*, 2020, 2(1), 100078. DOI <https://doi.org/10.1016/j.ssaho.2020.100078>

Williams, E. L. Sex Tourism in Bahia: Ambiguous Entanglements. University of Illinois Press, 2013.

Woods, J. & Hunter, K. Don't Blame it on Rio: The Real Deal Behind why Men Go to Brazil for Sex. London: Hachette, 2008.